

O CONTEXTO DA EDUCAÇÃO FÍSICA A PARTIR DO OLHAR DO ESTÁGIO SUPERVISIONADO: ANALIZANDO SUAS CONTRIBUIÇÕES ¹

Eliene Lacerda Pereira²

Moisés Sipriano de Resende³

Gleison Gomes de Morais⁴

RESUMO: Este artigo é resultado de uma pesquisa realizada no âmbito da disciplina de Estágio Supervisionado I da Faculdade de Educação Física e Dança da UFG. O objetivo foi identificar e analisar as contingências e contribuições do estágio para a aprendizagem das crianças, para a prática pedagógica do professor de Educação Física e para a escola como um todo. Esta investigação poderá elucidar a pertinência do estágio como processo de formação acadêmica e profissional e, ao mesmo tempo, como contributo para a instituição de ensino e para a atuação docente em Educação Física escolar. Após inserção e investigação no contexto da Educação Física escolar procurou-se identificar as contribuições do estágio supervisionado para a formação dos estudantes, do professor de Educação Física da escola campo e para a escola. O acompanhamento sistemático por parte dos estagiários com a intenção de conhecer a dinâmica e o funcionamento da escola se estendeu durante quase todo o ano com leituras, discussões, trocas de experiência e reflexões. Foi realizada observação de aulas, intervenção em dupla e entrevista com o professor de EF. Para fundamentar a pesquisa além do PPP da escola, foram analisados também Portfólios de Estágio Supervisionado I elaborados por estagiários que realizaram intervenção nesta instituição em anos anteriores. Estes documentos foram fornecidos pelo Núcleo de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino - NUDIPE da FEF/UFPA. Observou-se que a disciplina é um momento de formação importante, não apenas para o estagiário na medida em que permite conhecer a realidade escolar, mas também para o professor quando tem a oportunidade de aprender novas metodologias de ensino. A escola também se beneficia ao contar com o auxílio do grupo de estagiários no processo educativo e ao se constituir como um campo de pesquisa da universidade. Nesta perspectiva, o estágio é um momento singular também na formação dos estudantes, pois oportuniza um contato ímpar com uma nova realidade advinda da universidade que pode multiplicar as experiências de aprendizagem na escola. O professor ressalta a importância de se ampliar este momento de presença dos estagiários na escola e defende uma maior interação entre escola e universidade.

PALAVRAS CHAVE: Escola; Educação Física; Estágio; Prática Pedagógica.

¹ O presente trabalho não contou com apoio financeiro de nenhuma natureza para sua realização.

² Professora Orientadora

³ Estudante da FEF-UFPA

⁴ Professor da Escola Campo

INTRODUÇÃO

Este artigo é um desdobramento da pesquisa que foi realizada na disciplina de Estágio Supervisionado I da Faculdade de Educação Física da Universidade Federal de Goiás (FEFD/UFG). O estágio se desenvolveu em uma escola pública municipal e possibilitou uma aproximação com o ambiente escolar, com a forma de organização do trabalho pedagógico e, de maneira mais específica, o acompanhamento e a participação na direção das aulas de Educação Física.

Neste contexto é importante destacar que a disciplina de Estágio Supervisionado da Faculdade de Educação Física tem como princípios:

- I. Investigar as problemáticas significativas da organização geral da escola e da educação física, visando apreender e intervir na realidade da escola-campo por meio da compreensão, descrição e análise crítica do cotidiano escolar e da elaboração do projeto de ensino e pesquisa;
- II. Estimular a identificação e análise das teorias pedagógicas, das concepções de currículo e os modelos de organização do trabalho pedagógico no âmbito escolar;
- III. Promover o estudo de propostas de ensino da educação física, reconhecendo as bases teórico-metodológicas e suas contribuições para a construção da prática docente;
- IV. Possibilitar ao discente o desenvolvimento do projeto de pesquisa, do planejamento e da construção de proposta de ensino da educação física em escolas da rede pública de ensino;
- V. Assegurar a elaboração dos Relatórios de Estágio Supervisionado considerando a intervenção docente na escola-campo, evidenciar a compreensão da realidade escolar, as contribuições de todo o processo de investigação para a construção pessoal e coletiva da formação docente e garantir que os resultados das atividades de estágio sejam debatidos pelos professores da escola-campo e FEF em eventos acadêmicos (PROJETO POLÍTICO CURRICULAR, 2006, p. 1-2).

É pretensão do estágio é contribuir na formação inicial do professor, seja por meio da compreensão dos meandros e vicissitudes que compõe o espaço escolar (pesquisa), seja pela apreensão dos princípios e metodologias que fundamentam a prática pedagógica e o trato com o conhecimento em Educação Física.

É por meio do exercício contínuo de pesquisa, diálogo, construção, desenvolvimento, aplicação e avaliação de tudo aquilo que constitui a prática pedagógica na escola (organização do trabalho pedagógico, relacionamento com os escolares, metodologias de ensino, recursos materiais e humanos disponíveis, interdisciplinaridade e projetos de ensino, entre outros) que a atuação docente vai se desenhando e se convertendo em um saber pedagógico, tornando-se inteligível aos estagiários em processo de formação inicial.

Nesse sentido, podemos afirmar que:

[...] a relação entre atuação e formação é proporcionalmente direta, pois de acordo com o tipo de relação que se articula, que se institui na trajetória, ocorre a produção e reconstrução dos significados em relação à profissão, ao ser professor (IVO; ILHA; KRUG, 2009, p. 2).

A presença do estágio é, pois, de fundamental relevância para a formação do professor e poderá ser determinante em sua forma de atuação profissional. Este momento, no entanto, pode ser importante não apenas aos estagiários, em processo de formação inicial, mas, também, aos professores da escola, na medida em que os professores e estudantes tem a oportunidade de entrar em contato com novos conhecimentos advindos da universidade.

Segundo Conceição e Krug (2008, p. 1):

A discussão não pode perder o foco e permanecer em uma espécie de monólogo formativo, mostrando justamente que não só o estagiário recebe a “luz” das contribuições. Mas é uma troca de experiência e saberes que remetem aqueles que estão no contexto educacional a se desenvolverem profissionalmente.

Assim, procuramos no presente estudo, identificar e analisar as contingências e contribuições do estágio para a aprendizagem das crianças, para a prática pedagógica do professor de Educação Física e para a escola como um todo. Esta investigação poderá elucidar a pertinência do estágio como processo de formação acadêmica e profissional e, ao mesmo tempo, como contributo para a instituição de ensino e para a atuação docente em Educação Física escolar.

Apresentaremos, a seguir, algumas características da escola, destacando alguns problemas identificados na pesquisa concernentes à realidade escolar, à forma de organização do trabalho pedagógico (OTP) na escola e a maneira como a Educação Física é desenvolvida na instituição. Posteriormente, serão apresentados, analisados e discutidos os resultados obtidos com a entrevista com um professor de Educação Física da escola sobre as contribuições do estágio para a escola e para seu trabalho como professor de Educação Física.

A prática pedagógica para Souza (2009) não é uma atividade de uma só pessoa, ela tem características de coletividade, se configura pela investigação na sua totalidade, na sua perspectiva geral e específica no âmbito escolar e em outros espaços institucionais. A prática pedagógica dos(as) professores(as) contém a prática docente; esta última é apenas uma das dimensões da primeira interconectada com as práticas: gestora, discente e a gnosiológica e/ou epistemológica. No entanto, a prática docente faz parte da prática pedagógica, mas não se reduz a ela. Ela é o processo pelo qual o docente realiza sua ação educativa com a intenção de

prover ensino-aprendizagem, porém, não se limita à regência. A prática educativa envolve organização, gestão, ensino e pesquisa, partindo de uma finalidade que é a de humanização. Diante do grau de complexidade e de intencionalidade que permeiam a prática docente, emergem dimensões que rodeiam e configuram este processo como a dimensão política, a dimensão do conhecimento e a dimensão pedagógica e cultural.

Nesta lógica, para o autor citado, a prática pedagógica é entendida como práxis, é institucional, multidimensional e fundamentalmente intencional. Relaciona a necessidade da reconhecimento⁵ e a reinvenção⁶ do conceito de Prática Pedagógica para se compreender de forma adequada a formação de professores(as) como resultante de uma práxis pedagógica.

A Práxis Pedagógica supõe, pois, uma Pedagogia que ajude os seus profissionais a posicionar a instituição, enquanto instituição cultural formadora de novos profissionais, inclusive para a educação, no interior do contexto social histórico (também cultura), escolhendo suas intencionalidades (finalidades e objetivos) e os conteúdos pedagógicos a serem trabalhados ou conhecimentos a serem construídos por seus sujeitos, a fim de se tornarem mais humanos, portanto também profissionais mais competentes enquanto exercício profissional constitui uma das dimensões humanas do sujeito humano (SOUZA, 2009, p. 30).

Precisamos dar sentido e significado a esta práxis na EF, para que o esporte, assim como todos os temas da cultura corporal e suas vivências não reproduzam a EF como mero fazer pelo fazer empobrecendo e negligenciando as possibilidades de reflexão histórica, política e social. Mas que almeje o fazer crítico reflexivo, que segundo (SOUZA JÚNIOR, 2001) permitirá aos professores(as) e estudantes a organização do pensamento com o objetivo de favorecer e contribuir na formação com diferentes articulações da prática pedagógica.

⁵ Para Souza (2009), a reconhecimento é o processo de construção de conhecimento ou de conteúdos pedagógicos a serem elaborados na busca de outra compreensão, interpretação e explicação das realidades naturais e culturais.

⁶ Reinvenção é a capacidade de enriquecer e emocionar-se de educadores, gestores e educandos, de agir no interior da escola e buscar formas de interação.

A ESCOLA, A EDUCAÇÃO FÍSICA E SUAS VICISSITUDES

A presente pesquisa faz parte da experiência de estágio realizada na Escola Municipal Recanto do Bosque (EMRB) na cidade de Goiânia/GO. A escola em questão atende o ensino fundamental dos ciclos I, II e III no turno diurno e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) no período noturno.

A escola também integra a Rede Municipal de Ensino na qual a escolaridade é organizada em Ciclos de Formação de Desenvolvimento Humano (CFDH), como descrevem Pereira e Souza Júnior (2010, p.1):

A implementação dos ciclos, como proposta de ensino em escolas públicas e particulares do Brasil, apresenta-se como uma tentativa baseada na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional — LDB 9394/96, de superar concepções fragmentadas e padronizadas de educação. Isto se deve à grande influência de políticas de esquerda na década de 1990 no país com novas propostas na intenção de alavancar o ensino no Brasil.

Os Ciclos de Formação e Desenvolvimento Humano tem como prerrogativa a superação do sistema seriado de ensino⁷, reconhecido nacionalmente como um sistema que exclui e segrega (PEREIRA; MENDES, 2010). Os CFDH tem por intenção construir um sistema educativo que garanta a educação como um direito de todos e dever da escola oferecê-la, principalmente aos filhos dos trabalhadores.

Com base em Pereira e Souza Júnior (2010) a organização do trabalho pedagógico da escola organizada nos CFDH é realizada de forma coletiva, contando com um diretor, coordenador de turno e coordenador pedagógico para cada ciclo. Esta sistematização do trabalho pedagógico visa reorganizar o tempo e espaço pedagógicos para superar as defasagens e evasão escolar, além de promover qualidade no processo de ensino e aprendizagem.

Foram identificados alguns problemas no desenvolvimento da proposta de ciclos na escola. Um deles se refere à dificuldade de reunir a comunidade escolar para participar do processo de construção e elaboração do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola. Sobre isso, a diretora afirma que:

A gente não tem pra parar e é um documento que ele é [construído] á longo prazo, é demorado fazer a elaboração dele, é demorado. Mas, o quê que a gente faz: a gente usa o planejamento do início do ano e a gente senta com

⁷ “Forma de ensino pautada na retenção do aluno que não obteve determinado conceito ou nota, necessário para ser aprovado para o ano seguinte” (PEREIRA; MENDES, 2010, p. 109).

todos os professores, com todos os coordenadores aí cada um coloca o que acha que precisa; a gente faz uma breve avaliação do que não deu certo e aí cada um participa e no papel mesmo quem faz são as coordenadoras [...]. Na maioria das vezes os funcionários técnico-administrativos não participam (DIRETORA, 2011).

Assim, observa-se que a falta de tempo impediu que o coletivo da escola se reunisse para elaborar o PPP. A alternativa encontrada pela escola foi a elaboração do projeto durante o planejamento anual a partir de considerações docentes. Da mesma forma, também não houve a participação da comunidade escolar (pais, funcionários, etc.) em sua construção, impossibilitando que esta apresentasse suas sugestões e proposições ao coletivo da escola.

A restrição de pessoas na elaboração do PPP da escola é um problema que já existe há algum tempo, como demonstram os estudos de Moraes e Braga (2009), Silva e Alves (2010). Estes indicam ainda que a construção do PPP era sujeita a alterações da Secretaria Municipal de Educação, o que implicaria, segundo elas, em perda de autonomia da escola. O mesmo fato também é relatado por um professor de Educação Física, ao afirmar que a Secretaria dá pouca abertura e espaço de participação aos docentes e às escolas da rede. A escola, muitas vezes, torna-se apenas a responsável por executar e desenvolver um projeto ou programa educacional sem participar efetivamente do processo de sua elaboração.

Podemos presumir que a escola estaria sendo, cada vez mais, submetida aos ditames dos órgãos governamentais. E neste sentido menos alicerçadas nas demandas sociais das classes populares, contrariando assim, a própria proposta dos ciclos de formação. Assim sendo, é realmente possível encarar a escola como uma realidade histórica, isto é, suscetível de ser transformada intencionalmente pela ação humana? É possível articular a escola aos interesses da classe dominada? (SAVIANI, 2006).

Diversas problemáticas foram relatadas pelos professores de Educação Física (EF), tais como a superlotação das salas de aulas e os problemas familiares dos estudantes, o que influencia sobremaneira no trabalho pedagógico desenvolvido pelo professor. Sobre este último aspecto, a coordenadora relata que há a pouca participação da família e da comunidade na vida escolar das crianças.

Para a gente exercer com maior êxito a nossa função, a gente precisava da família na escola. O maior apoio dos pais. Porque a nossa parte a gente tenta fazer. [...] Na sala de aula o professor está ali trabalhando tentando levar aquele aluno a entender as necessidades, mas a gente não tem o respaldo da família na escola. Então acho que o que mais emperra a aprendizagem dos alunos, a melhor convivência na escola, o trabalho nosso é a presença da família (COORDENADORA DO CICLO I, 2011).

Como se observa no relato da coordenadora, a ausência dos pais constitui-se como um grande entrave no trabalho desenvolvido pela instituição e na aprendizagem das crianças. Tal fato influi negativamente na consolidação e na efetivação do sistema de ciclos que pressupõe e entende como imprescindível a participação da família no processo educacional das crianças (ALMEIDA, 2008).

Além destas dificuldades, outro professor de EF destaca ainda a falta de planejamento semanal na escola que, segundo ele, “é importantíssimo pra você otimizar o seu trabalho com o seus colegas” (PROF. ED. FÍSICA DO CICLO II, EMRB, 2011). Logo, sem o momento de planejamento coletivo, torna-se inviável a construção de um trabalho interdisciplinar e com qualidade suficiente para atender as demandas do ciclo de formação (PEREIRA; SOUZA JÚNIOR, 2010).

No que se refere à EF na escola, observou-se algumas discrepâncias em seu entendimento e configuração nos diferentes ciclos. De acordo com o professor de Educação Física do ciclo I, a Educação Física tem um importante papel na aprendizagem das crianças, ensinando-as a trabalhar em conjunto e saber, de forma coletiva, resolver seus problemas. O professor ainda cita que procura trabalhar os conteúdos da EF de forma problematizadora, tentando discutir a forma de organização da sociedade para que os alunos possam se desenvolver criticamente em relação ao mundo em que vivem.

Já para o professor do ciclo II a Educação Física contribui principalmente para a socialização, o respeito às regras, a diminuição da indisciplina e também para a formação integral do educando por meio do ensino dos esportes e de todas as manifestações que compõem a cultura corporal.

Há então na escola duas perspectivas distintas de Educação Física. Uma que objetiva emancipar as crianças para que estas possam superar a realidade a qual estão submetidas e outra que tem caráter moralizante e visa ensinar as crianças a cumprirem regras, socializarem e formar pessoas disciplinadas, inculcando valores e normas.

Pode-se inferir, portanto, que ambos os professores de Educação Física trabalham de forma desarticulada, o que leva a uma fragilidade, um descompasso na passagem de um ciclo a outro. Esta discrepância pode ser explicada, em alguma medida, por dois fatores. Em primeiro lugar, pela ausência do planejamento coletivo entre os professores de cada disciplina na escola e, em segundo lugar, pela formação destoante dos professores que, embora formados na mesma instituição de ensino superior, passaram pela universidade em períodos diferentes o que traz desdobramentos para a perspectiva e objetivos da Educação Física adotados na escola.

METODOLOGIA DA PESQUISA

A disciplina de estágio se organiza na perspectiva da perspectiva-ação. Ou seja, contempla um processo de aproximação com a realidade, contato com os personagens e sujeitos da pesquisa, identificação de problemas do contexto/realidade e proposição coletiva de sugestões de mudanças para a superação do problema levantado (THIOLLENT, 2004).

A pesquisa-ação se caracteriza por um processo cíclico e contínuo de diagnóstico, planejamento, intervenção, avaliação e nova ação (ANDRÉ, 1995). Nesta perspectiva, a pesquisa foi delineada por etapas distintas, mas em constante diálogo e interação. O diagnóstico da realidade escolar foi feito por meio de três técnicas de coletas de dados, sendo elas a observação da escola, a observação - participante das aulas de Educação Física, e entrevista semiestruturada com professores de Educação Física, coordenadoras e direção da escola.

Foi realizada também a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola (Goiânia, 2011), na tentativa de conhecer os pressupostos teórico-metodológicos que fundamentam a organização do trabalho pedagógico na escola e os princípios sob os quais se orienta, teoricamente, a prática pedagógica.

Além do PPP da escola, foram analisados também alguns Portfólios de Estágio Supervisionado I elaborados por estagiários que realizaram intervenção nesta instituição nos anos anteriores. Estes documentos foram fornecidos pelo Núcleo de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino - NUDIPE da FEF/UFG. Procuramos, com isso, identificar traços de mudança, permanência ou retrocessos na escola e no trabalho desenvolvido pelos seus coletivos. Optamos por realizar um recorte nos aspectos concernentes à análise do campo, da organização do trabalho pedagógico e, por fim, da Educação Física na escola.

Com relação a esta fonte de pesquisa, podemos destacar que:

Os documentos constituem também uma fonte poderosa de onde podem ser retiradas evidências que fundamentem afirmações e declarações do pesquisador. Representam ainda uma fonte “natural” de informação. Não são apenas uma fonte de informação contextualizada, mas surgem num determinado contexto e fornecem informações sobre esse mesmo contexto. (LUDKE; ANDRÉ, 1986, p. 39).

Nesta perspectiva, as análises dos portfólios de estágios anteriores, do atual PPP da escola e das entrevistas com os funcionários da instituição permitirão delinear o processo de construção da escola, contextualizar o espaço educativo e os atores que ali atuam e, em última

instância, compreender os diferentes fatores que intervêm no trabalho educativo e na aprendizagem das crianças. Posteriormente, os dados obtidos foram analisados e, a partir daí, as aulas foram planejadas e colocadas em prática em diferentes turmas e ciclos da escola.

ANALISANDO AS CONTRIBUIÇÕES DO ESTÁGIO

Dentre as considerações salientadas pelos professores de Educação Física, destacamos aqui as observações e análises que o professor do ciclo I apresentou em relação as contribuições do estágio para a escola. O professor afirma que os estagiários, às vezes, chegam á escola um pouco temerosos com o ambiente escolar e com o fato de ter que assumirem a direção de uma turma. Assim, ele acredita que:

É uma parceria onde o estágio sim traz contribuições em relação aos conteúdos, em relação às práticas pedagógicas... É lógico que com o tempo eles tão ali eles também estão aprendendo de certa forma a lidar em como ensinar estes conteúdos e como lidar com esta prática pedagógica, a forma de diálogo com os alunos e tudo mais... Quando eles chegam nesse ponto de saber dominar uma sala, de dialogar com ela e de passar aquilo que eles se propõem a ensinar, com certeza os meninos/as crianças aprendem muitas coisas com eles também.

Neste aspecto, o domínio da turma, na concepção do professor, é condição imprescindível para que o trabalho do estagiário e do próprio professor se efetive e para que possa trazer alguma contribuição à aprendizagem dos estudantes. O professor ressalta também a importância do “diálogo” no relacionamento com a turma, sendo elemento fundamental para que ele possa adquirir a confiança das crianças no ato de ensinar.

Para o professor, o estagiário precisa se envolver com a rotina da escola, adquirir segurança no domínio da turma e se reconhecer

[...] enquanto uma autoridade... aquela pessoa que está ali para mediar este conhecimento. Que ele perceba que ele é a pessoa responsável para, com certeza, fazer com que aqueles alunos ali da escola, no chão da escola, eles aprendam algo sobre o conteúdo, sobre a vida, sobre a sua realidade e tudo mais. Então eu acho que este é um dos aspectos que estes alunos levam de positivo. E também a possibilidade deles verem que é possível, de certa forma, trabalhar diversos conteúdos dentro da escola.

A mediação das demandas apresentadas pelos estudantes e a interlocução com o saber pedagógico da EF é uma ação imprescindível e difícil, sobretudo quando o que predomina atualmente ainda é sua compreensão como “um componente curricular sem exigências e

necessidades de oferecer aos alunos o exercício da sistematização e da compreensão do conhecimento” (SOUZA JÚNIOR, 2001, p. 82).

Se entendermos a escola como um local privilegiado para o acesso ao conhecimento científico, historicamente acumulado e sistematizado (SAVIANI, 2008) torna-se necessário trabalhar outros eixos temáticos da EF dentro da escola. O professor ressalta que a desconstrução de tal entendimento por parte dos estudantes, apesar de difícil, é possível ser realizada.

Quando o professor quer, quando o professor organiza, quando o professor planeja e quando ele bate de frente, vamos dizer assim, com os alunos que querem algo mais esportivizado, quando o professor explica, quando o professor expõe um conteúdo novo a ser trabalhado, com certeza isso é possível. Às vezes nem sempre é de maneira amistosa, mas é possível e com o tempo eles vão absorvendo estes conteúdos.

Este ensejo e atitude são fundamentais para que os estudantes possam apreender os conteúdos concernentes à disciplina de Educação Física, valorizá-los e que possam ter um entendimento necessário para refletir criticamente sobre determinada manifestação da cultura corporal em suas variadas dimensões (SOUZA JÚNIOR, 2001).

Apesar das contribuições reconhecidas pelo professor a aprendizagem dos estudantes, o mesmo destaca que o momento do estágio na escola também trouxe contribuições à sua prática pedagógica e formação profissional, como se observa no excerto a seguir:

Muitos estagiários levam coisas legais para dentro da escola, propostas metodológicas que, às vezes, na época da formação que eu tive não possibilitou que eu visse daquela forma. Então, quando eles trazem estas questões que são novas, estas formas metodológicas desta prática pedagógica com certeza a gente está ali aprendendo, a gente também está se formando, e a gente de certa forma está ali também contribuindo com eles, na melhor forma deles passarem aquilo para os alunos também.

O professor inserido na prática pedagógica, e contida nela a prática docente, no interior da escola, em decorrência da grande demanda de trabalho, da falta de tempo e/ou oportunidades, por vezes tem poucas possibilidades de realizar cursos de aperfeiçoamento e se apropriar de novos conhecimentos relativos à EF e à atuação docente no ambiente escolar.

Nesse sentido, o estágio se constitui como um espaço e momento importante de aprendizagem também para o professor, uma vez que o conhecimento advindo da academia apresentado pelos estagiários pode fornecer elementos e ferramentas importantes para a superação de problemas enfrentados na realidade escolar e para a construção de novas práticas pedagógicas em EF.

Em relação à contribuição do estágio para a escola, o professor destaca a criatividade de alguns estagiários na elaboração e construção de materiais alternativos para a realização das aulas de EF. Segundo ele, tais iniciativas, além de serem inovadoras, permitem um aprendizado diversificado dos conteúdos, possibilitando não apenas a sua vivência, mas, também, a criação de oportunidades para a sua realização pelos próprios estudantes.

Da mesma forma também que eu vejo como positivo o fato de muitos estagiários também, o próprio estágio, levar alguns próprios materiais confeccionados pelos alunos, uma possibilidade diferente de trabalho dentro de alguns conteúdos. Tem um exemplo próprio do atletismo quando a gente trabalhou, que alguns estagiários confeccionaram os discos para trabalhar arremesso de disco, os próprios dardos... Então acho que isto é uma forma de eles estarem também contribuindo de certa forma com material alternativo para as aulas e também estar ajudando a escola no geral nestas festividades, não só a Educação Física, mas a escola também.

A oportunidade deste conhecimento (relativo à construção dos materiais necessários à prática corporal) também pode ser de fundamental importância ao educando na medida em que ele se torna capaz de realizar tal prática com autonomia fora da escola, isto é, utilizando deste conhecimento em seu cotidiano.

Outra contribuição do estágio em relação à escola foi a modificação da rotina do recreio. Diante da ausência de sistematização de atividades neste momento da escola e da forte segregação de gênero que existia no uso dos espaços da instituição (quadra, pátio, entre outros), um grupo de estagiários sugeriu à administração da escola a inserção de atividades planejadas na condução do recreio. O professor de EF relata que, diante da contribuição destes estagiários, o recreio passou a ser dividido e com atividades direcionadas pela própria coordenação da escola.

Um ponto negativo que o professor expressa em sua fala é em relação ao tempo pedagógico, que é insuficiente, para dialogar, discutir, planejar e dar orientações gerais sobre a aula, as turmas, as crianças, o conteúdo com os estagiários e com o professor supervisor do estágio.

Infelizmente, a rotina da escola é muito corrida. Às vezes a gente precisa de um tempo de diálogo com os estagiários que estão chegando, mas como na escola ali é uma aula atrás da outra então muitas vezes quando os estagiários e o próprio estágio chega na escola campo a gente vê essa dificuldade de dar um pouco de atenção da forma que o estágio merecia.

Como sugestão o professor coloca a possibilidade do estágio participar do planejamento inicial, assim como de estar na escola pelo menos duas vezes por semana:

Eu acho assim que no estágio onde a intervenção tem sido duas vezes por semana no próprio campo de estágio, ela tem sido, de certa forma, um pouco mais proveitosa, um pouco mais ativa... Os próprios alunos vão se envolvendo mais com a escola, vão conhecendo melhor os meninos o qual eles têm contato, vão conhecendo mais a rotina da escola.

Assim, a maior permanência no campo do estágio possibilita maior familiaridade com o contexto escolar, com os agentes envolvidos e maior dinamicidade no trato pedagógico com os conteúdos, resultando em uma maior aprendizagem dos professores em processo de formação inicial.

Outra problemática elencada pelo professor, também em relação ao tempo pedagógico destinado às questões do estágio, se refere à dificuldade de avaliar o portfólio (produto final do estágio) entregue pelos estagiários à direção da escola. O acesso e a discussão acerca dos portfólios pelo coletivo da escola necessitam de uma avaliação junto a professor supervisor/coordenação de estágio para que as problemáticas encontradas não se repitam em anos posteriores e que as mesmas sejam solucionadas.

Dentro desse tempo eu tive acesso até hoje à só um portfólio desses que foram construídos, para que eu tivesse a leitura dele. Então, assim, em certos momentos a gente, dentro da escola, a partir desses portfólios não debateu geralmente a visão que foi tratada pelo campo de estágio em relação à escola, à prática pedagógica, a tudo, àquela nossa rotina. A gente nunca fez uma avaliação a partir disso.

Nesse sentido, é possível entender o motivo pelo qual uma série de problemáticas identificadas nos portfólios construídos por estagiários em anos anteriores perduraram ao longo dos anos. Dentre as mais destacadas podemos citar a falta de participação da comunidade na construção do PPP da escola, ausência de avaliação contínua do PPP (SILVA; ROCHA, 2009; DOURADO; ALVES, 2009; SILVA; ALVES, 2010), a ausência de profissionais responsáveis por lidar com a biblioteca e com o laboratório de informática da escola (MORAES; BRAGA, 2009; SILVA; ROCHA, 2009; SILVA; OTIM, 2009), problemas de infra-estrutura da quadra (SILVA; ROCHA, 2009⁸; QUEIROZ; PEREIRA, 2010), o descuido da área que circunda a quadra poliesportiva (MORAES; BRAGA, 2009), entre outros.

Assim, não há uma preocupação da escola em averiguar as contribuições do estágio em relação às suas atividades, formas de organização e trato com a educação. Ainda se desconhece o estágio como uma entidade que pode contribuir para as ações da escola. De

⁸ O estudo identificou que, em 2010, as redes de proteção dos gols e da cesta de basquete da quadra estavam em mal estado de conservação. No ano de 2012 pôde-se constatar que tais materiais nem existiam mais.

outro lado, entende-se que a escola também enfrenta grandes dificuldades, muitas vezes não tendo tempo disponível para avaliar sua própria proposta de ensino (PPP).

O professor, no entanto, avalia como positiva a presença do estágio na escola e considera que o diálogo entre as duas instâncias (escola e universidade) é de fundamental importância para a superação dos problemas e para avançar “na construção de uma educação, de uma educação física que de certa forma contribua para a formação dos alunos dentro do chão da escola. Acho que esse é o caminho mesmo”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente estudo pode lançar luz algumas problemáticas encontradas no ambiente escolar, dentre elas a ausência de construção coletiva do Projeto Político Pedagógico da escola, a ausência de planejamento coletivo entre os professores, a incipiente participação dos pais na escola, entre outras questões. Dificuldades estas que interferem de maneira representativa no trabalho desenvolvido pelos docentes em sala de aula.

O professor de Educação Física do Ciclo I indica, por sua vez, que o estágio pode ser um momento importante não apenas aos estagiários, visto que oferece a eles maior proximidade com o ambiente pedagógico, mas, também, aos professores e à própria escola, ao participarem de maneira efetiva dos eventos festivos, desenvolverem novas e diferentes atividades e trazer novas experiências pedagógicas para o contexto da sala de aula.

Nesta perspectiva, o estágio é um momento singular também na formação dos estudantes, pois oportuniza um contato ímpar com uma nova realidade advinda da universidade que pode multiplicar as experiências de aprendizagem na escola. O professor cita também a importância de se ampliar este momento de presença dos estagiários na escola e defende uma maior interação entre escola e universidade.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. M. B. Avaliação da Aprendizagem no Contexto dos Ciclos: sentidos da prática avaliativa docente. Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Educação, 2008.
- ANDRÉ, M. E. D. A. Etnografia da Prática Escolar. Campinas, SP: Papyrus, 1995.
- BRACHT, V. Educação Física no 1º grau: conhecimento e especificidade. Rev. Paulista de Educação Física, São Paulo, supl. 2, p. 23-28, 1996.
- COLETIVO DE AUTORES. Metodologia do Ensino de Educação Física. 2 ed rev. São Paulo: Cortez, 2009.
- CONCEIÇÃO, V. J. S.; KRUG, H. N. Contribuições do estágio supervisionado no desenvolvimento profissional de professores de Educação Física: novas propostas de conteúdos, novas visões educacionais. In: Anais do Congresso de Ciências do Desporto e Educação Física dos Países de Língua Portuguesa, Porto Alegre: ESEF/UFRGS, 2008.
- DOURADO, L. L.; ALVES, P. G. Relatório Final de Estágio Supervisionado I. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2009.
- FREITAS, L. C. Organização do trabalho pedagógico. R. Est. Novo Hamburgo, RS, 1991.
- GOIÂNIA, PREFEITURA DE. Projeto Político Pedagógico da Escola Municipal Recanto do Bosque. Secretaria Municipal de Educação, 2011.
- IVO, A. A.; ILHA, F. R. S.; KRUG, H. N. Repensando a formação do professor de Educação Física a partir do estágio curricular supervisionado: o desenvolvimento e a articulação dos saberes docentes nas diferentes práticas educativas. In: Anais do Congresso Nacional de Educação e Encontro Sul Brasileiro de Psicopedagogia, Curitiba: PUCPR, 2009.
- MORAES; A. L. F; BRAGA, R. B. Portfólio do Estágio Supervisionado I. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2009.
- PEREIRA, E. L.; SOUZA JÚNIOR, M. A Educação Física em Ciclos de Aprendizagem: contextualizando a política educacional do município do Recife. Pensar a Prática, Goiânia, v. 13, n. 3, p. 116, set./dez. 2010.
- PEREIRA, N.; MENDES, V. A Educação Física na escola organizada por ciclos de formação: especificidades do trabalho docente. Movimento, Porto Alegre, v. 16, n. 03, p. 109-132, julho/setembro de 2010.

PROJETO POLÍTICO CURRICULAR. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Educação Física. Resolução 002/2006 - FEF/UFG.

QUEIROZ, J. K. V. B.; PEREIRA, K. L. D. S. M. Uma proposta metodológica crítica de Educação Física. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2010.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico - Crítica: primeiras aproximações. 10. Ed. Rev. Campinas, SP: Autores Associados, 2008.

_____. Escola e democracia: teorias da educação, curvatura da vara, onze teses sobre a educação política. Campinas, SP: Autores Associados, 2006.

SILVA, C. S.; ALVES, L. R. S. Estágio Curricular na Escola Municipal Recanto do Bosque. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2010.

SILVA, G. G.; OTIM, R. M. Relatório final do estágio supervisionado e prática de ensino. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2009.

SILVA, M. F.; ROCHA, P. P. Relatório de Estágio Supervisionado e Prática de Ensino. Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Educação Física, Goiânia, 2009.

SOUZA, João Francisco. **Prática Pedagógica e Formação de Professores**. Organizadores: José Batista Neto e Eliete Santiago. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2009.

SOUZA JÚNIOR, M. O saber e o fazer pedagógicos da educação física na cultura escolar: O que é um componente curricular? In: CAPARRÓZ, F. E. (Org). Educação Física escolar: política, investigação e intervenção. Vitória, ES: PROTEORIA, 2001.

THIOLLENT, Michel. Metodologia da pesquisa-ação. 13ª ed. São Paulo: Cortez, 2004.